

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA

SEMANARIO

MEMORIAL

Redacção: **ARNALDO LEITE**
CARYALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretario da Redacção

OCTAVIO SÉRGIO

OCTAVIO SÉRGIO



A TRINDADE



OCTAVIO SÉRGIO

Padre, Filho e Espírito Santo (Maria do)

Handwritten signature or mark.

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Araldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

CONCURSO DE OUTUBRO JOGO DO SAPO Resultado da 5.ª Partida

Ora cá temos nós a disposição do Sapo com a numeração respectiva a cada casa

100		70
300	30	500

1.000

E desta vez podemos limpar as mãos à parede. Nada menos de 46 excelsas criaturas tiveram a Dita a bafejá-las, 19 em cheio e 27 em falso.

No próximo número se dará a nota circunstanciada.

Além disso temos 102 concorrentes com direito aos segundos prémios e 49 com direito aos terceiros.

Também no nosso próximo número daremos a relação de todos.

Igualmente daremos a fórmula do sorteio dos concorrentes aos segundos prémios da quarta partida.

Na nossa administração, ficam à disposição de todos os concorrentes os elementos necessários para a fiscalização deste concurso, que, repetimos, é absolutamente honesto e de grande distração.

E agora vamos ao concurso da

NOTA DO BANCO DE PORTUGAL

Lista dos concorrentes com direito ao prémio de 500 escudos da quarta partida

ACERTARAM EM CHEIO:

Manuel Queiroz, de Matozinhos, Eurico Malagaia, de Penafiel, Formosinho, de Espinho, Fernando dos Santos, Rua Costa Cabral, Pôrto, Maria da Conceição Miranda, Gaia e Celeste Queiroz, da Mata.

NÃO ACERTARAM EM NADA:

Rita Maria, Avenida dos Aliados, 66 1.º, Pôrto, Zeca Treca, Matozinhos, Joaquim Fernandes Borges, Coimbra, Maria Estela de Sá, Rua Antero de Quental, Pôrto e Matos Além Pôrto.

Ficando, portanto, cada um destes concorrentes habilitado a receber a quantia de 50 Escudos, o que poderá fazer na nossa administração desde Quarta-feira em diante, se não houver qualquer reclamação quanto à forma da distribuição.

DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS DE 10000 ESC. (2) REFERENTES À TERCEIRA PARTIDA

Aos concorrentes com direito aos mesmos são distribuídos os seguintes números:

Jaime Pereira da Silva	1	a	94
Maria Sousa Pinto	95	a	188
Miquelina Pinto	189	a	282
Joaquim Ferreira 1.º	283	a	376

J. M. Nenes	377	a	470
José Tavares Bandão	471	a	564
Alvaro Menezes	565	a	658
Abel Ferreira da Silva	659	a	752
Eduardo Silva	753	a	846

(Continua na última página).

Lista dos concorrentes classificados na 4.ª partida

Com direito aos segundos prémios:

Henrique António, Renato Fernando Perdigão, Armando Aurélio de Freitas Reis, Manuel Leal, Arlindo Joaquim Pinto da Fonseca, Jaime Soares da Silva, Frank Barrote, E. Rui, Zé Manel, Dolrano, Jorge Carneiro Alegria, José Augusto R. S., José Fernandes, António Moreira Mendes, Geremim dos Santos, António Marques Nogueira, Alvaro Meneses, Alvaro Meneses, Joaquim Ruela Ventura, Alfredo Pereira, José Camponês, Armindo de Magalhães, António Coelho Moreira, Manuel Teixeira, Recareis, Porfírio Gonçalves dos Santos, Armando Silva Carvalho, Porfírio Gonçalves dos Santos, Luís Fernandes, Lizé, Armando Carvalho, Elmano, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, David Costa 5.º, José da Silva Lopes, José de Mascarenhas, Carlos Pereira Ramos, Pimpão de Altamir, Alberto Pinto, Alfredo Ferreira 1.º, David Costa 4.º, Anastácio Rodrigues 4.º, Anastácio Rodrigues 5.º, Altino Coelho, Alberto Mário da Silva Pinto, António Pinto de Sousa, Luís Sarapião, Sou Eu o Dono dos 500\$00!, Gall Ispo, Alexandro Ivanovitch, Paulo de Cock, Seraião Antunes, Mariazinha, Rosa dos Santos, António Augusto da Silva, Vicente de Valongo, Verde Gaio, Simplicio, Antonieta Rodrigues, Cruz Quebrada, Maritango, Quatorze, Romualdo Fernandes, António Teixeira e Bastos, Manuel F. da C. Vidinha, Já lá Estou?, Possidónio Certo, Rosalinda Esteves, Conrati me Chamo, Zaragueta, Renato L. Pinto, Guicha, Maria da Conceição Henrique, Abracadabrante, Luciano da Costa Queijo, Rei da Mèda, B. X. T., Xispe T. O., Carabanchel, Fernanda Coimbra Luz, Perfeitinha, Zé dos Nabos, Serafim Pinto da Silva, Mais que tudo, Mercador de Venesa, Acertarei?, Custódio das Dores, José Ferreira da Silva Mendes.

Com direito aos prémios de 10 Escudos (1 livro):

Emílio de Oliveira, J. Gamalhães, Joaquim de Portugal, António Alvaro, Artur José Marques Guimarães, Ventura Dias, José Jacinto de Carvalho, Facó, António E. Joaquim Sobral, Silvina Teixeira, Maria Raquel Milhano, Frank Barrote, Arnaldo Neves, José da Fonseca Moreira, José Correia Vidinha, António Carlos Miranda, Bernardo Ferreira Martins, Pereira da Praça, António R. dos Santos, Lino Gonçalves Pereira, Chico Zé, Hércules & Comp, Fé, A. Sarmiento, O Cavaleiro, Alvaro Meneses, João António Terrão, Carmen Ribeiro, Lucília Feio Cerveira da Costa, António Artur de Sousa, Arménio Alves da Silva, Castro Rodrigues 2.º, José da Silva Lopes, José Leça 2.º, Maria Carolina Leça, Alberto Pinto 8.º, Alberto Pinto 6.º, David da Costa Araújo, João Maria Pintão, Augusto Barbedo, João Sá Lima, Maria Luisa Soares de Oliveira, Frederico Monteiro Lopes, Maria Rosa Plácido Santos, Fernando Moreira, Domingos Ferreira da Silva, Arsénio Antunes 2.º, Arsénio Antunes.

Os livros a escolher serão:

Os que não foram à guerra
Romance de um solteirão
Dois corações
Tribunal dos Pequenos Delitos



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Há uma semana, pelo menos, que as raparigas da praia do Mindelo andam assarapantadas.

Devia ter acontecido coisa idêntica, há cem anos certos, às suas bisavós; no dia em que lá desembarcaram os esfomeados sete mil e quinhentos bravos. Mas agora o medroso assombro tem outra causa muito diferente. Nem já existem bravos capazes de jogar a vida pela liberdade, nem na solitária costa mindelense desembarcou pessoa alguma. Quem lá apegou, pelos modos, foi o Diabo. O Diabo em pessoa, — transformado em lobishomem, segundo uns; conservando a angelical figura, segundo outros; mas, de uma forma ou de outra, invisível e dando apenas sinal da sua passagem por um ruído estranho e várias picardias praticadas no corpo das raparigas que êle escolhe para vítimas.

Transcrevemos do *Jornal de Notícias*:

«Há dias que esta freguesia anda sobressaltada com uns apedrejamentos por mão misteriosa, a umas operárias que regressam das fábricas de Vila do Conde, sendo mais presseguida Maria da Adelaide, do lugar da Areia. Quando, no sábado, regressava a casa, juntamente com outras operárias, foi novamente apedrejada. A pobre rapariga, bastante ferida e aterrada, desatou a fugir.

— E' o diabo!...

— E' o diabo!...

A' voz de diabo, as companheiras da Adelaide deram também em fuga. O caso produziu extraordinário alarime na gente das povoações próximas. Comentaram-no ao sabor de cada um.

As raparigas, porém, varadas de susto, não puderam explicar o que se tinha passado.

— «Lá que «aquilo» era coisa ruim — era!... Nanja que a gente visse... Só ouvimos...»

— E que ouviram?...

— Era uma coisa a bufar em riba de nós — que parecia o «lobisomem»!...»

Por seu turno, a Adelaide depõe, juntamente com o jornalista:

«— O «rugido» saiu da bouça e veio sobre mim... Passou-me por entre os pés. Eu caí. Sentim ferida numa perna e desmaiei...»

Efectivamente, a Adelaide, que, pouco depois do meio dia, foi encontrada sem sentidos, tinha um profundo ferimento numa perna. Parecia feito à faca. Levaram-na a Azurara, onde, numa farmácia, lhe o suturaram com quatro pontos naturais.»

Como se vê, o caso é sério. Ignoro o comportamento moral das operárias do Mindelo, mas, por muito mau que êle seja — e eu estou convencido do contrário — conclue-se que o Diabo procede ao invés de Jesus Cristo, como, aliás, era de esperar. Cristo impediu que a adúltera fôsse lapidada. Diabo, pelo contrário, esconde-se na sombra, e, mal as raparigas despontam no caminho, entra de apedrejá-las. E não se contenta com isso. Desata a bufar como um danado «em riba de elas». Convém explicar que, na linguagem do povo, êste «em riba» significa «atrás de...». O Demónio bufa perseguindo as moçetonas, correndo após elas. De onde se tira a ilacção de que tem o fôlego curto. Meia dúzia de passos apressados, e ei-lo harpoadado pela dispneia. Provavelmente, sofre do coração. Não admira. E' já tão velho!

Vão decorridos cinqüenta anos desde que Junqueiro o pintou lazarento e arrastado de todo, a cair da bôca aos cães. Era de supor, contudo, que, depois da Grande Guerra, e com a revivescência pagã sofrida pela humanidade, o Príncipe das Trevas houvesse rejuvenescido, ganhado novas forças e entrado em franca euforia, como se tivesse sido operado pelo Dr. Voronoff. Não aconteceu, porém, assim. O Diabo continua escanzelado e com sintomas de morte próxima. Crivado de dívidas, segundo um poeta moderno, torna-se invisível para mais facilmente fugir aos crêdores. Não paga a ninguém, como a maior parte da gente do *high-life*. Não paga, mas bufa, — ao universo dos contribuintes portugueses.

Afinal de contas, quási inofensivo. Um pobre diabo...

— E o golpe na perna da Adelaide? — perguntará o leitor.

Não deve ter sido feito com instrumento cortante, mas sim perfurante. Naturalmente, o Diabo, ao persegui-la, e quando ia a alcançá-la, cafu por ter tropeçado nela. Foi a sua cabeça que lhe passou por entre os pés. E a ferida da Adelaide deve ter as características dos golpes que costumam relegar ao hospital os Gallitos e os Belmontes...

Marcial JORDÃO.



VENCIDA

Supõe tu que o meu desejo,
Unido à muita afeição,
Me permitia o gracejo
De implorar de ti um beijo:
— Davas-mo, sem hesitação?

— não!

Que recusa tam formal!
Nem um só, por condição,
Prometendo eu ser leal?
Que custa um beijo, afinal?!

— Anda, vá, tem compaixão...

... não!

Não ainda! crueldade!
Vê que o sol, beijando a aurora,
Não lhe mancha a castidade!
E tu, nem por piedade,
Um beijo me dás agora?

... ora...

Sem um beijo, minha boca,
De ao pé de ti já não sai;
Um beijo, coisa tam pouca!
Como és deshumana — louca:
Hás-de consentir... lá vai...

— ai!

Já não me foges do laço,
Em que caíste, por fim!
De mim a ti — vê o espaço —
Não vai mais que o teu regaço!
... Tens agora dó de mim?

— sim!

ALBANUS.

PASSEIO ALEGRE

O amor é fumo...

(Conto "amortalhado")

Não é só nos contos de fadas que um príncipe se apaixonou por uma modesta pastorinha.

Também hoje no *Século do Diário de Notícias* e dos cabelos por cima dos colarinhos que ficam por debaixo dos casacos, há paixões ardentes e fumarentas.

O pobre *Antonino Forte* foi uma vítima do fumo. E se disséssemos que era um fumador invertebrado, daríamos uma explicação quasi plausível do fenómeno; mas não dizemos.

Era um homem *superior* dizia êle. Não era nenhum *duque*, nem *almirante* sequer.

Era um homem que teve a desgraça de encontrar no seu caminho uma *tabaqueira*.

Tabaqueira aqui, quer dizer uma empregada da Fábrica dos Tabacos. Mas era linda.

Tentadora como uma *sereia*; uns olhos de *turquesa* a brilharem por detrás dumas pálpebras de veludo.

Em tudo, um defeito apenas: tinha um geito de *severa* que desagradava ao nosso *Antonino Forte*, cujo carácter era *bom*.

Se fôsse *francês*, logo ao primeiro

encontro poderia conseguir da sua tabaqueira algo mais do que uma embaçadela. Mas êle era um *português suave* e como tal não conseguiu tornar os seus amores *definitivos*.

Da primeira entrevista, querendo ser-lhe agradável, o nosso homem disse-lhe que, por enquanto, ainda fumava *Tip-Top*; mas desde que a conhecia acalentava a esperança de ela lhe dar um maço de *três vintes*.

Desde isso guarda aquela expressão de *... aberto* parvoídoado.

Mas a rapariga, ou porque percebesse mal, ou por qualquer outro motivo chegou-lhe para o *tabaco*:

— Parece *incrível* Antonino! O senhor, um *lisboeta* que se preza, vir fazer propostas dessas a uma rapariga honesta. Vá com Deus, e não torne a perseguir-me. Se não, terá que haver-se com meu pai...

O Antonino foi-se, desgostoso. E hoje se alguém lhe fala na Tabaqueira e lhe pergunta a razão porque não voltou a assediá-la a rapariga, responde invariavelmente.

— Nada, meu amigo, nada. Quem tem *cuf* tem medo.

ZEQUINHA.

Um percalço

*Em tempo, nas horas vagas,
Dedicava-me a pintura;
Pintava rochas e fragas
E mais coisas da Natura.*

*A minha arte era mofina,
Eu era um pintor barato,
Mas, mesmo assim, quis a Gina
Que lhe pintasse o retrato.*

*Sem 'star com mais demasias,
Deitei a mão ao pincel,
E dentro em breves dias
Tinha pronto o meu... painel.*

*Porém, ao mirar a tela,
Vi que da Gina o aspecto
Parecia-se com ela
Como um ovo com um 'spêto!*

*O retrato da pequena
Sofrera um grande desdouro,
Porque sendo ela morena,
Pintei-lhe o cabelo touro!...*

BISNAU.

ORQUESTRA PORTUGUESA

E' um conjunto nosso; aqui do Pôrto mesmo. E há por aí muita gente que ainda não ouviu falar d'êste grupo de seis rapazes, capazes de tocar três dias e três noites a fio.

Pois a MARIA RITA já foi dado ouvir, deliciada, os seus tangos, mais argentinos do que o Rio da Prata, e os seus *foxes* que são inimitáveis, porque a criação é difícil.

Aos componentes do grupo, a MARIA RITA agradece os cumprimentos saxofonados, e as jazzbandicas palavras.

Epitáfio

*Aqui jaz Bento Romão,
Que era um padeiro ideal.
Morreu de uma congestão,
Por haver vendido um pão
Que tinha o peso legal!*

BISNAU.

MARIARITICES

Pousa aqui... pousa ali...

O casamento do Santa

O nosso simpático José Santa, que anda pela América do Norte, a dar e a receber murros, ligou-se pelos sagrados laços e nós do himineu, a uma elegante patriciã de 17 saúdáveis primaveras.

Não conseguimos assistir ao primeiro "match" entre os felizes recém-casados, mas é de crer que a noiva ficasse K. O. logo ao primeiro "round," o que não admira em virtude da desigualdade de pêsos, sendo êle "pesado" e ela "môscã".

Tendo alguém objectado ao boxeur que o combate era desigual, o Santa respondeu, sorrindo: — Está enganado. Trocamos os pêsos... e o môscã fui eu.

E' danado, o diabo do rapaz!

Dizem que a noiva, agora, come Camarão ao natural todos os dias.

A queda da D. Libra

Anda outra vez a Libra às cabriolas e aos saltos, metendo sustos ao padrão-ouro e fazendo oscilar as outras divisas que sobem, de repente, de sargento para coronel e general.

Quem nos havia de dizer que a sossegada e circunspecta Libra, vinha a dar em mundana libertina, sempre com a cabeça no ar, sem morada certa e a passar por diversos quartos no mesmo dia?!

Que tal nos saía a Libra... Libra!!!

O motivo de saltos tão bruscos e inesperados, não terá origem no cavallinho que se vê nas trazeiras da Libra?!

Se assim fôsse havia remédio eficaz: prendê-lo mais curto e não o deixar concorrer aos concursos hípicos internacionais.

A rua criminosa

Aquela rua 20 de Abril, em Lisboa, onde se tem cometido uma data de crimes, precisa de mudar de data!

Safa que rua fatídica!

A continuar assim, os senhorios que teem prédios naquela rua, hão-de acabar por os alugar de graça, e dar ainda por cima, brindes aos inquilinos!

E' preciso levar a rua a uma bruxa para ela a defumar e tirar-lhe o espírito mau das pedras da calçada.

Abrenuntio!

Há ruas engalinhasadas: "20 de Abril," "19 de Outubro"...



Alerta Portugueses de Lei! A's Armas descendentes de D. Nuno Alvares Pereira

Está a passar-se em Portugal um caso nunca visto. Em Lisboa formou-se uma comissão composta de muitos membros para estudar a melhor forma de evitar os ruídos.

Segundo lêmos nas gazetas, êsses senhores vão empregar todos os esforços no sentido de que os diversos ruídos produzidos durante as vinte-e-quatro horas que compõem um dia não incomodem os parceiros. De dia ainda poderão tolerar qualquer manifestação ruidosa; mas de noite entendem os silenciosos criaturas que não se deve ouvir nem uma môsca.

E' claro que, como em tudo cá na nossa terra, já há diversas opiniões pró e contra o respectivo projecto. Há quem opine que os ruídos são necessários à vida; há quem diga, pelo contrário, que o barulho não tem razão de existir.

A MARIA RITA, a-pesar-de tudo, faz-se eco das duas coisas: Entende que de vez em quando um ruído até alivia; mas ao mesmo tempo, acha que na presença de gente de cerimónia é muito feio. Mas de noite, meus senhores que mal fará o ruído?

Temos aí à porta o S. Martinho, e quem é que na abertura dum pipito não dará um estalo de satisfação? Uma dúzia de castanhas e dois copitos do que faz cócegas no céu da bôca, e nós queremos ver quem é que não dará um ah! de satisfação plena!...

Abaixo a proibição nocturna. Vivam os ruídos em família!...

De noite o escape deve ser livre! Quem não gostar que tape os ouvidos e vire as ventas para o outro lado.

Alerta tripeiros! Querem coartar-vos a mais natural e humana manifestação tripeira!

Acêrca dêste projecto, que já está fazendo muitíssimo barulho à sua volta, fomos procurados por uma comissão de *castanheiros*, daqueles que usam as mãos muito sujas e encardidas, que nos entregou a seguinte representação:

Senhores da MARIA RITA:

Considerando que a vossa gordíssima matrona é a representação da força mais viva da cidade;

Considerando que a mesma tem feito um barulho dos diabos à volta do seu nome;

Tendo em vista que ela não poderá abandonar assim do pé para a mão os "Ecos" e

Sendo certo que ninguém lhe conseguirá tapar nem a bôca, nem os olhos, nem os ouvidos, nem qualquer outro buraco,

Veem os abaixo assinados, pedir o seu auxílio para que não seja votada, com a lei de supressão de de todos os ruídos, a nossa classe aos mais silencioso abandôno. Caso

contrário, ainda haverá muita *castanha*.

Uma comissão de castanheiros.

Estamos com êles de alma e coração! Nesta época de *Dirt Track* não se admitem destas concomitâncias! Que nos tapem a bôca, vá com os diabos! Mas o resto!... Não! Não e não!
Viva o escape livre!...

O amor teu é o contrário,
De aquilo que deve ser!...
P'ra te ver passo um fadário!...
E só tu não me queres ver!...

O que eu acho extraordinário,
E' eu ter onde escolher,
Para marcar no diário
A que mais me apetece!...

Isto, não são fantasias,
Provas dou, e de valor,
Até com fotografias!...

O caso teu... é o pior!...
Quanto mais tu me arrelias...
Quanto mais tenho-te amor!!...

Alfredo Cunha (RAZA).

PERFIS DO PORTO

XXIV

O SAMPAIO + ALÉM



*Não vejo que mal pareça
Usar assim um chapéu.
Muitos outros sem cabeça
Andam de cabeça ao léu.*

*Cada um tem o que tem,
Não são iguais as riquezas.
Um Sampaio mais além
Vai além das madurezas.*

*Há quem julgue cabotino
Este rapaz singular.
Pois p'ra mim é um menino
Que passa a vida a brincar.*

Aguias & Cágados

—Máximos e mínimos de Portugal—

I

GUERRA JUNQUEIRO



*Um drama num crânio. Jeovah e Satan, Hugo e Juvenal.
Orações e anátemas.*

*No fundo da noite escura o magro Cristo abre os braços ao ritmo da cruz.
Ouve-se ao longe o gargalhar de um doido.*

Contos humorísticos

O grande coleccionador

Salustiano Matias era o que se chama «um maniaco por colecções».

A sua casa era um museu de velharias, onde o mais exigente investigador do Passado encontraria raridades, desde o sabão amarelo anti-diluviano ao primitivo papel de música que se fez em Fêz.

Logo, na entrada, se observavam algumas

panóplias com as mais variadas armas, tais como chuços do tempo de Dona Aldegundes, a Ciumenta, e bacamartes da Idade da Pedra.

Na sala de visitas, que era uma verdadeira sala de observações, as paredes estavam ornamentadas com riquíssimos panos de cozinha do Oriente, salientando-se duas vistosas colchas de Damasco em que se viam ainda alguns caroços.

A um canto, uma estátua da Vénus de Milo, em tamanho bastante natural, com o cabelo cortado à escovinha, apontava com o braço direito o caminho marítimo para a Índia, que se via num quadro, onde os nossos grandes descobridores se descobriam respeitosamente diante do «almirante» que fumava «superior».

Na sala de jantar só faltava o jantar na mesa, em carvalho de Ceilão com incrustações de veado.

No guarda-prata só havia louça da China e das Caldas.

Pelas paredes viam-se muitos pratos Japão a imitar Sacavém, sendo alguns muito bem imitados.

No chão, um magnífico tapete persa de Arraiolos, com chouriços bordados a missanga.

O escritório era duma mistura de estílo, que fazia impressão à vista desarmada.

A secretária, em sândalo, parecia mesmo pinho da terra... dêle.

As estantes eram tôdas torneadas, emmanuelino, com desenhos góticos... que muitos viam gregos!

Dentro encontravam-se bastantes livros, sendo alguns manuscritos... à máquina.

Entre eles os que mais se destacavam, pela sua aparência robusta, eram uns grandes tratados muito bem tratados, como «A arte de fazer peúgas para os analfabetos», «O uso da cerveja como preventivo contra a apendicite», «A influência dos pastéis de bacalhau nos espiritos fracos», «Máximas, mínimas e semínimas», de Orácio, etc., etc.

No quarto de dormir até a própria cama era construída com várias colecções numismáticas, desde os Cruzados aos Patacos.

Era caso para se dizer que Salustiano, ao deitar-se, «passava a cama a patacos».

Na mesinha de cabeceira via-se um vaso lavado, com um lindo e viçoso manjerico.

Por todos os lados muitas vitrines com vários utensílios que passaram de moda: uma lamparina alcoólica, um par de meias para senhora magra, um par de ligas para senhora gorda, uma trança de cabelo quasi nova, etc.

Na casa de banho, porém, o que nunca percebemos, dada a disposição artística com que Salustiano colocava as suas preciosidades, foi o encontrar-se ali, junto ao lavatório, um autêntico violino do célebre Stradivarius!

Ultimamente, segundo nos disseram, o grande Matias desfizera-se de tudo, passando depois a coleccionar cautelosas de penhores!

José ROSADO.

Melões e meloas

«...o Santos afirma conhecer muito bem os seus melões, porque são mais redondos que os da Florência.»

(Do Diário do Minho).

*Os tais melões da Florência,
tal e qual afirma o Santos,
teem menos circunferência
ao pé dos dêle, e de tantos...*

*Os dêle não são ovais,
são mais redondos, uns picos...
Não são bem aos dela iguais;
pois não são melões com bicos.*

João do MINHO.

DESCANSO SEMANAL

Ora cá temos os almeçados recortes do jornal de Gaia

"A Luz do Operário"

Pelo que abaixo se vai ler, fica a gente com a impressão de que é uma luz a gás pobre; mas não é. Pelo contrário; este Raúl F. Santos é riquíssimo em disparates *cacianos*. Vamos a ver. Do seu número de 12 de Setembro:

Da Madalena

Talvez os leitores se lembrem dum suposto «Campo de Aviação» que seria construído aqui, para preencher uma lacuna existente nesta invicta cidade.

Leixões, sabíamos nós que tinha aspirações a isso. Agora a Madalena...

*.....
Era uma justa aspiração que constitua um grande factor ao commercio da vizinha capital nortenha.*

Realisaram-se ardorosas discussões e conferencias, para resolver qual o local que devia ostentar o indispensavel Campo.

A Madalena, além dos respectivos morangos que já tem à mostra, também queria ostentar o campo. Ah! vaidosa!

*.....
Enviaram técnicos especializados no assunto, a diversas localidades, e entre estas foi contemplada esta terra.*

Após minuciosos exames físicos, eles optaram em que se realisasse na Madalena.

Está-se a ver a Madalena a ser examinada fisicamente, e os técnicos a descobrir-lhe o campo, que ela até então trazia escondidinho. Enfim, ficou aprovada.

*.....
Infelizmente este grande projecto não passou invisível ás garras da evolução universal, e como tudo quanto tem vida, tem fim, isto foi uma visão que nasceu muito fragil, lentamente floresceu até alcançar o apogeu. Após isto vacilou e começou uma época de declínio que a arrastou ao precipício da enoxoravel morte... e tudo esqueceu.*

Por isso o Mussolini andava tão atrapalhado!... Por isso o Hitler perdeu tanto terreno!... Por isso o Staline deixou fraquejar o plano quinquenal!... Por isso o Hoover se vai abaixo das pernas!... E' que o Campo da Madalena deu que fazer a todos. Depois do exame físico, não passou invisível ás garras da evolução universal!...

E termina, nesta tirada absolutamente patriótica:

*.....
Todaya o povo conservou numa intensão patriótica e inabalavel, como um ritmo de acalorada esperança.*

o que quer dizer, pelo menos, duas dúzias de asneiras em muito menos palavras.

Da mesma Luz..., do dia 9 de Outubro e do mesmo Raúl F. Santos (que, pelo visto, é o *caciano* mais assíduo do jornal) continuando a falar

Da Madalena

Infesta presentemente esta florescente freguezia, um abutre, esfaimado, cujas garras precipitam para o abismo de um cruel lamento as suas pobres victimas.

Prudentemente vai-se apoderando do afecto ao seu objecto saciador, usando de um estratagema muito habil, inspira-lhe os mais belos sonhos de felicidade.

Esta seduzida por tantos carinhos e promettimentos, vacilla satisfazendo-lhe o desejo. E, de momento depara que mau uma realidade ideologica é dissolvida, e enapta para resolver o problema tão delicado e de tão atrozes consequencias. Numa torrente de lagrimas amargas, confidencia o seu segredo ao cumplice ventre amado, ficando submersa numa nuvem de pó produzida pela vertiginosa corrida do seu algoz, e um esquecimento tenebroso, coage horrivelmente uma scena tão desoladora. O tempo porém cicatrizou a ferida, dando lugar ao regresso do execravel gavião, que assediando outros lugares, abre um caminho de simpatia e galanteios guardando num invisível orgão do seu ficio o ideal profanado da dignidade.

Nós já não sabemos escrever, meus senhores! Isto é que são tiradas! Isto é

AQUILO

que não podemos publicar

Vamos iniciar hoje esta secção. A MARIA RITA preza-se, acima de tudo, de não desconsiderar ninguém. Por isso, entende que tãda a gente tem direito a ser bem tratada. E, palavra, palavrinha, às vezes, arripiávamo-nos todos, só com a lembrança de ter de rasgar uma composição, poética ou pindérica, porque nos alanceava a certeza de que o seu autor, para a congeminar, frígira os miolos horas após horas, e, ou folheara um dicionário desde o A ao Z, ou desfolhara um metrificador desde a cabeça aos pés. Temos até em nosso poder manuscritos manchadíssimos. Uns com nódoas de suor a denotar o esforço sobre-humano da cabeça produtora; outros com impressões digitais, que bem demonstram o trabalho de contagem para fazer versos tão coxos que nem cabeça teem.

Em face disto, e de completo acôrdo com o nosso programa de não ferir ninguém, nem ter o desgosto de rasgar as obras primas (primeiras) dos vates e dos graves prosadores, vamos criar esta secção onde publicaremos, de bom

que é dar-lhe!... Não há comentário possível a tão fecunda prosa. Só queríamos, para morrermos descansados, que este Raul F. Santos, nos dissesse qual era o invisível orgão do seu físico em que o execrável gavião guarda o ideal profanado da dignidade.

E agora, para fecharmos com chave de ouro, como é costume dizer-se entre os poetas, aí vão três quadras que nos mandaram sobre um outro orgão de Gaia, que é pago, segundo dizem, por um homem que já pôs algumas vezes as barbas de mólho. (Não confundir com barbas de milho).

GAIA JORNALÍSTICA

«O Comércio de Gralhas»

*Há comércio de licôr,
Há comércio de navalhas,
Mas não sabias leitor,
Que há «O Comércio de Gralhas»!...*

*Tal exemplo tu não sigas,
Fundando um comércio assim.
P'ra isso só o Man'el Ribas,
Que já me gralhou a mim.*

*Sabes que comércio é este?!...
P'ra que a dívida te saia,
Eu te digo: — nunca o lêste?...
E' «O Comércio de Gaia»!...*

(Gaia).

Rei dos Nabos.

grado, tudo o que não merece nem pode ser publicado.

Iniciamo-la com uma produção do sr. Perjuro.

*Ao correr...
A' Mar'inha,*

*Não tome nada «no roxo»
Clarinha — meu amor! —
Olhe que perde o sabor
Ao dar o... meiguinho chocho.*

*Embora pr'andar na moda, (°)
Apanhar a camoeca?
Antes como eu a careca
Trazer... trazer de fora. (° —!...)*

*Um conselho: O cinzento
«Deve» ficar a matar!
Desculpe o... atrevimento.*

*Pois se é «moda» aconselhar,
O próximo como jumento,
Levar a vida a marrar!...*

Perjuro (C. C. S.).

Como vêem é um amor. Não acham?



“Maria Rita” na 26.^a Exposição Internacional de Automóveis de Londres no “Olímpia”

(Do nosso enviado especial).



O polícia após o acidente — Conhece V. Ex.^a o Código das Estradas?
A [chauffeuse — Oh! perfeitamente. Quere que lhe explique alguma coisa?

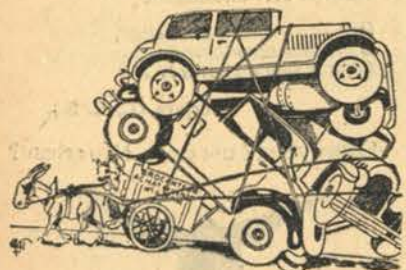
(Candide).

As impressões que damos a seguir são de um distintíssimo *sportman* português que acidentalmente se encontra em Londres. Muito conhecido e estimado no meio automobilístico do Pôrto, trata-se, como os nossos queridos leitores verão, de uma pessoa de espírito, inteligente e culta, que a-pesar-de lidar com automóveis, não faz marcha atrás no humorismo, muito antes pelo contrário, e não *derrapa* nas asneiras gramaticais.

Miss **MARIA RITA**:

Quando fôres a Roma, usa como os romanos; aqui tens porque o primo te chama *miss*. De Londres, à beira do Tamisa, (não confundas com camisa que é coisa que por aqui se vê pouco nas mulheres) não poderias tratar-te de outra maneira, querida prima! Ora vou contar, conforme me pediste, o que mais poderia interessar-nos na exposição dos

A crise



Quem compra automóveis novos para ferro-velho?!

(Candide).

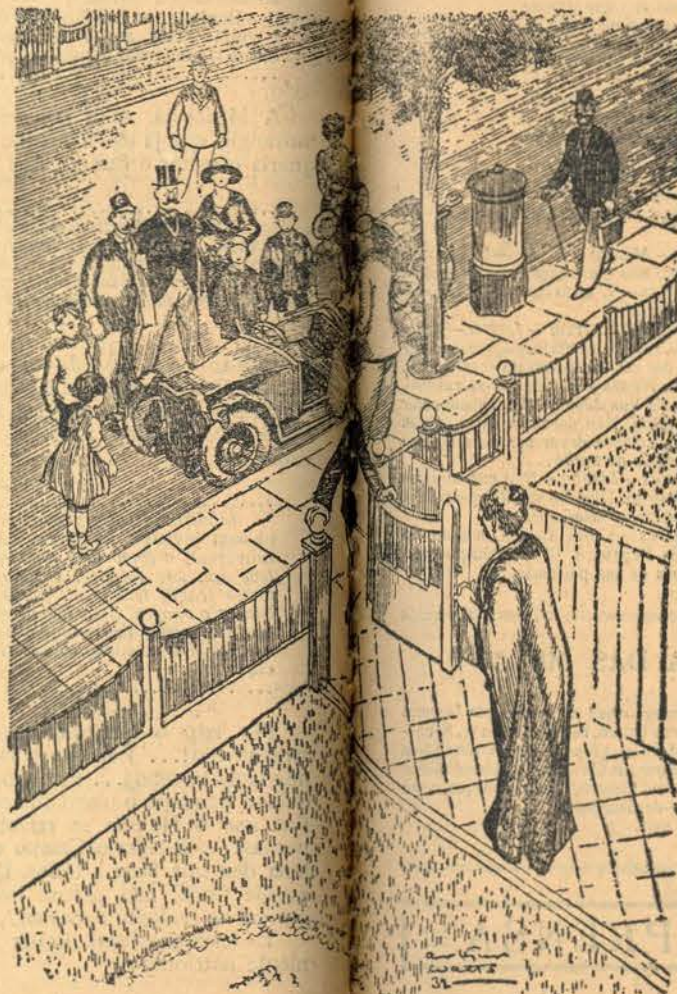
pópós, no Olímpia, espécie de Palácio de Cristal aonde só não há Romualdo; o mais, até se come em máquinas automáticas. Basta meter uma moeda por cima, no burquinho, e sai logo um besugo frito por baixo, pronto a ser comido. Mas vamos às novidades:

A embraiagem fluída e as mudanças automáticas

A embraiagem fluída é um grande invento, prima! E' a expoência máxima para varões e donzelas no que diz respeito a bem governar todo o bruto com a máxima facilidade. Imagina uma valente mulher ou uma tímida enfezada, — hoje ambas guiam os carros modernos quási que sem mão! A embraiagem fluída é um espécie de vaselina que serve para meter velocidades sem esforço, sem barulho e sem dor. Imagina como o nosso Henrique Moreira vai delirar quando souber que a menina da fonte já não corre perigo! Todos os *chauffeurs* dentro em breve a meter, sem sentir, primeira, segunda, prise — sempre com o risinho nos lábios! E as mudanças automáticas? Imagina que aqui é de uso os noivos darem às noivas um *pópó* e elas é que o guiam... E' moda! Antigamente era certo, dia de casamento, a noiva inexperiente, ao demarrar dava esticões, e a caixa fazia barulho — gemia coitadinha! E às vezes, em vez de meter segunda, — engravena *marche-arriere*. E lá se ia o *pont-arriere* pró maneta! Desgostos, despezas e sobretudo o fastidioso emprêgo da mão na condução! Hoje, não! As mudanças automáticas! Carrega-se num botão — zás primeira, no outro, segunda! Enfim nos botões é que está depois o resto! E agora

As “carrosseries”

Aqui agora é tudo no teu estilo prima! Tudo **MARIA RITA** — ou tu não fôsses tripeira — honra para nós



— Nada de grave, minha querida: simplesmente atropelado por um cavalo.

(Punch).

todos do Pôrto — aqui agora é tudo atarracado.

Tudo baixinho — por via da resistência do ar.

Nas *carrosseries* novas a gente quási vai deitado! Aquelas linhas, a correr... E as malas integrantes na trazeira da caixa — prima **MARIA RITA**! Até parecem as *tournares* da moda do teu tempo! E' bem verdade que quem compra um auto destes leva tudo ali! Dizem êles que é cómodo e que não faz resistência ao avanço. Olha: o que os meninos Pilatos vão ter que contar ali aos camaradas da praça! E para findar

As gaitas

Agora são aos pares. Antigamente uma só, já satisfazia muita gente. Hoje as exigências do progresso... 120 à hora... Duas são as que estão em voga. Talvez seja por isso que já se usa imenso, o automóvel *à trois*. Afinal quem paga a *carrosserie* é sempre o marido que tem o nome na chapa

Indicadores de velocidade

Enormes — vinte-e-cinco centímetros de diâmetro e de agulha — Dizem que é para se ver melhor a agulha a bulir quando se vai a 100 à hora... Informam os inventores que as senhoras, quando guiam, gostam de saber a velocidade com que podem contar; e eu acho bem, pois que o automóvel deve ter hoje em dia um uso universal, quer seja o *Bébé Ford* quer o *Rolls*, cada qual tem que se integrar no século da velocidade. E' admirável, neste ponto, o esforço dos fabricantes. E para findar



—... E durante o “Salon”, nós damos gratuitamente a cada comprador duma voiture este elegante cofre lacado contendo um motor e três pneus de reserva!...

(Desenho de Pierre Soymer — Candide).

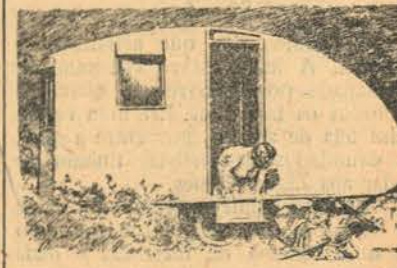
Os silenciosos

Sempre os houve, para o barulho do escapamento, agora há-os para a admissão. O motor *Bébé* não é mais do que qualquer mortal, mas em silêncio — baixinho. — Hoje, prima, os carros não se ouvem — são um “veludo” como se diz na nossa terra e com tais inventos não há quem resista! Todos querem por fim o moderno automóvel: 1.º carregar num botão *mise-em-marche*; 2.º carregar noutro: mudanças e está tudo dito — com a economia actual de essência — o consumo é só dos botões, mas duram muitos anos!

Um apertado xi aos primos e um xôxo do primo

ZEFIRINHO.

Quem não puder comprar a **MARIA RITA**, peça-a emprestada. Desta :: forma, terá graça de graça ::



— João, vem de-pressa... Está um homem debaixo da cama.

(Candide).



Domingo, tantos de tal

Nêsse dia houve coisas mirabolantes. Corridas pedestres, equestres, nades, e foot-balletes.

E depois de tanto correr que é que veio a saber-se:

1.º Que o Académico e o Salgueiros não andaram nem desandaram.

2.º Que a assistência do Lima andou ao borracho, e desandou alguma para o Aljube.

3.º Que o José Maria Ferreira se sentiu vingado da assistência.

4.º Que o Pôrto levou mais oito para casa e que o Galante já não sabe o que quer dizer galanteria.

5.º Que o Pinga espetou lá um dêstes estoiros que fêz subir a alma para a garganta.

6.º Que os *rapazinhos* novos do Pôrto ainda hão-de dar que falar.

A Légua do Janeiro

Reüniu, pelo menos, 1053 corredores. De todos os tamanhos, de tôdas as raças e de todos os aspectos. Havia-os lá matulões, Santas disfarçados, que vinham com a língua ao natural, de fora; pequenitos, fresquinhos, capazes de correrem outro tanto, desde que não se contasse com o tempo.

A meta, que era no Monte dos Burgos, como sempre, deu, desta vez um resultado péssimo. Foi o caso que os habitantes do Padrão da Légua, fôram protestar enèrgicamente junto da Redacção de *O Primeiro de Janeiro*, por se sentirem lesados no que teem de mais caro: o nome da sua terra.

Ao mesmo tempo pediam para que, de futuro, a meta da corrida, fôsse no seu verdadeiro sítio: no Padrão da Légua.

*
* *

Nós fomos dos que assistimos à chegada. A meta estava vistosamente engalanada por milhares de bicicletas de todos os tamanhos. Era uma verdadeira teia de aranha, por entre a qual, os denodados desportistas tinham de andar aos Zigue-Zagues.

Ganhou o primeiro prémio um rapaz de Coimbra, que despontou no meio de uma centena de bicicletas e mais três ou quatro garotos a quererem chegar primeiro.

Depois chegou o segundo, de Lisboa, com a mesma filiação de velocípedes e garotos.

E depois, etc., etc.; até que chegou o grosso das tropas.

A's três horas da tarde ainda chegavam corredores. Alguns dêles, coitados, vinham tão sujos de suor que bem mereciam uma passadela a pano.

Amanhã Pôrto-Astúrias

E a MARIA RITA, lá estará no seu camarote apropriado, para animar os seus homens, e emprestar-lhes um pouco da sua alma.

O Pôrto tem de vencer as Asturias. A MARIA RITA não está com meias medidas. E quando ela quer, os seus homens têm de ser assim mesmo.

Nuestros hermanos que tenham paciência, mas êste ano quem vier ao Pôrto tem de comer tripas nem que não queira.

Pelo Pôrto! Pela sua equipe representativa.

Ala Arriba!...

Namôro à antiga

A uma das gentis Marquesas duma crónica gentil do Dantas gentilissimo, o feço, de corpo ajoelhado e alma idem.

Na mesa eu vi
Teresa.
Sorri.
Formosa e bela
na mesa só ela.

Pisei
seu pé,
do caso
deu fé.
Airosa
côrrou,
o pé
ficou.

Da mesa
saíu,
meus passos
seguiu.
Dois beijos
trocamos
e loucos
ficamos.

Dois meses
depois
casamos
os dois...

Pelo autor

Inácio de LANHOLA.

Posta restante

José Alves — Foi o que se pôde arranjar. Mande mais.

Leitor Assiduo — Obrigado. Só hoje nos foi possível. Não se esqueça de nós e propague a MARIA RITA, que é uma obra de caridade.

J. Ribeiro — Gratíssimos pelas palavras de justiça. Para alguma coisa há de servir um jornal que é irreverente por princípio. E — verdade, verdade — não há o direito de se saber escrever tão mal na nossa terra.

Bisnau — Sempre fixe, valem? A nossa MARIA trata todos os assuntos como ninguém. Poupa selos, mas responde e satisfaz. Até sempre.

Toninho da Porca — Pelo pouco que nos enviou, quis-nos parecer que aí dentro há alguma coisa. Vamos experimentar?...

Rei Louro — A culpa não foi nossa. A MARIA RITA, saiu como sempre: no seu dia. Coisas, houve, porém, desgostosas, que a obrigaram a ficar no masso. Quer-nos parecer que por aí há má vontade contra um jornal que é de todos. Obrigado pela assinatura. Propague, por favor, o nosso semanário. Publicamos em seguida o soneto, o tem graça.

LAMENTOS E... ESPERANÇAS

(Do Rei Louro).

Tenho a pinha dessorada,
Co' esta ideia constante,
Morreria a minh'amante,
MARIA RITA adorada?...

Por mais alto que levante,
A minha voz maguada,
Ela não ouve, coitada,
Conserva-se tão distante!...

Mas se ela me promete,
Vir até mim com brandura,
Com certeza, que derrete.

Este gelo, esta tristura,
Que a alma no inferno mete,
E então... faço a assinatura.

Vensódias — Músico — Z. M. — Lá se foram coitados. Mas isto não quer dizer que seja sempre.

Delfim Freitas — E' disto mesmo que cá desejamos. Vem no próximo.

António Eugénio Correia — Lagoa — Recebemos, obrigado. Aceitamos correspondência desde que seja dentro das características do nosso jornal.

A. Fonseca Nunes — E' feio ser-se raivoso. No Instituto da Rua José Falcão, sabem curar isso com proficiência. Não sabemos quem é; mas defendendo quem defende dever ser mais um dos muitos *fraldiqueiros de salão*...

Azevedo Pires — Lisboa — Não encontramos a referida composição. Diga ao seu Rei que remeta cópia que gostosamente inserimos.

António Alves — Costa Cabral, mesmo em frente à Cruz da Regateira. E' a habitação preferida por pessoas da sua paciência.

RUA DAS MUSAS

Para o concurso que semanalmente fazemos nesta rua do nosso bairro, recebemos do sr. Sebastião Ferreira Mendes, proprietário da acreditada *Fábrica do Campo do Cirne*, três atestadíssimos brindes. No próximo número, diremos porque, como e a quem se hão-de distribuir.

Abençoado seja.

= IMPRENSA =

O GAROTO, de Viseu — E' um jornal alegre, sem pretensões a humorístico. Cinema, literatura e brincadeiras, lá da terra. Bem redigido, modesto, moderno. Não é novo. E' um *Garoto* velho. Os nossos cumprimentos.



GLOSAS:

Já não sei o que sabia,
Já perdi a tramontana,
Pois reii n'uma semana,
Muitos «Ecos de Cacia».
Em troco tenho a mania
Feroz e demolidora
De dar couce a toda a hora.
Quanta gente transformada
E tanta escola fechada
Há por esse país fora!...

Cagancho.

Em Portugal, que alegria,
Pra gente poder... chorar,
Existem sem se esperar,
Muitos «Ecos de Cacia».
Entre aqueles que de dia
Saem ao romper da aurora,
Aquele que me namora
E' «O Comércio das Gralhas»,
Mas quantos d'esses com falhas,
Há por esse país fora.

(Gaia).

Muito burrinho se cria!...
Eguas, mulas, cavalinhos;
Muita casta de bichinhos,
Muitos «Ecos de Cacia»...
E muita outra bicharia
Que não cabe aqui agora
Lóbos com língua de fora
Sardoniscas e sardões
De tudo isto aos milhões
Há por esse país fora!...

Orno.

Quando se come iguaria
De feijão vermelho e quente,
Ouvimos atrás da gente
Muitos «Ecos de Cacia»,
Tresandando a porcaria.
Minha prima Teodora,
Ouvindo os tais «ecos» chora,
E diz às manas e manos:
— Muitos «ecos cacianos»
Há por esse país fora!

Orquídea.

Não será hipocrisia
O fazer figura d'urso.
Ser jornalista sem curso?...
Muitos «Ecos de Cacia»
Será mesmo epidemia
Isto que eu vejo agora
Mas quem as letras adora
No desprezo deve tê-los
Oh! que carga de camelos
Há por esse país fora.

(Avelro).

Pra se ter alegria
Que a vida nos torne leve,
Deve haver — há isso deves! —
Muitos «Ecos de Cacia».
Aquilo é que é... fantasia!
Tanto se ri, que se chora!
Quem mos dera a toda a hora!
É sabe Deus quantos mais
Desses talentos... brutaís
Há por esse país fora!

Asódiás.

Tudo que fôr alegria,
'stá dentro do meu sentir...
Quero pra me divertir,
Muitos «Ecos de Cacia»...
O meu compadre Faria,
Que os disparates adora,
Quer Ecos a toda a hora,
Pra se rir... ficar contente...
Como este, ainda mais gente,
Há por esse país fora...

Alfredo Cunha (Raza).

Concorrentes votados ao **Quadro negro:**
Amaral, Elmano Otrebla, Adriano X. Nel, Ardotos e Cagancho.

Concorrentes com dois votos de louvor:
Luigi Morelli, Ardotos, João da Sé, Horrivel, Saramago, Amaral, Tónio, Adriano X. Nel, Tito.

Concorrentes com um voto de louvor:
Alfredo Cunha, Asódiás, O., Orno, Octávia Maria, Zé Barão, J. A. Costa, Amarantino, Delfim Freitas.

Concorrentes já com direito ao terceiro prémio (3 votos louvor):
Lizé, Sepol, Zé da Sé.

Concorrentes já com direito ao segundo prémio (4 votos louvor):
Olegna.

Há muito quem, por mania,
Jornalista queira ser
Sem gramática aprender.
Muitos «Ecos de Cacia»
Aparecem dia a dia
Co'uma gente directora
Boa pra puxar à nora.
Isto prova, meus senhores,
Quantos burros e doutores
Há por esse país fora.

Tónio.

Disse-me alguém outro dia
Que pra se rir a perder,
Nunca deixava de ler
Muitos «Ecos de Cacia».
Acreditar não queria,
Mas, pelo que vejo agora,
Aos Director's sem demora,
Só lhes chamo aventureiros...
Que súcia de «jornaleiros»
Há por esse país fora!!!

(Gaia).

Diz a lenda: certo dia
Falavam os animais,
E também tinham jornais,
Muitos «Ecos de Cacia».
Um camelo os dirigia
Com sapiência doutora.
Hoje em dia como outrora
Continua o mesmo mal
Por isso tanto jornal
Há por esse país fora.

Lizé.

Desde que os burros um dia
Rarcaram no merendo,
Surgin-nos logo outro gado:
— Muitos «Ecos de Cacia»!
Há tais talentos de... cria;
Tanto poeta caipora;
Tanta gente... sabedora,
Que sou levado a bradar:
Muito animal a zurrar
Há por esse país fora!

(Santo Tirso),

Sob as saias da Sofia,
Entre rendas e bordados,
Vão passando compassados
Muitos «Ecos de Cacia»...
Tais «ecos» são a arrelia
Da irmã da Sofia, a Aurora,
Que ao ouvi los diz: — Agora
Vai dizer que foi o mano...
Muito eco caciano
Há por esse país fora!...

(Avelro).

Pois por mera cortezia,
E' que eu hoje vou glosar,
Já que este mote vai dar
Muitos «Ecos de Cacia».
Nem toda a gente sabia,
Desse «jornalão» que agora,
Numa cruel e má hora,
Passou pra bombo de festa;
Muitos mais, ninguém contesta
Há por esse país fora.

Satiér ed Mifed.

Desde Faro até Leiria,
E do Minho até a Beira,
Destilam a grossa aseira,
Muitos «Ecos de Cacia».
Andam todos a porfia,
Pra ver qual menos demora,
A deitar bujarda fora;
Mas estranho isso não é,
Pois muito burro em pé,
Há por esse país fora.

(Gonçalo).

Tudo isto já sabia
O que me falta é saber
Como se possa escrever
Muitos «Ecos de Cacia»
Com isto o que eu queria
Era ir ao quadro, agora
Ainda não souci a hora
Ou ela pra mim já morreu
Mas muitos outros como eu
Há por esse país fora.

Zé Barão.

Qem tal «Ecos» anuncia
É dilige sem fadiga
'stá precisar que lhe diga:
Muitos «Ecos de Cacia»...
Mas que grande epidemia
Anda por aí agora!
E, mais hoje do qu'outrora...
Muita prosa massacrada
Muita bestinha quadrada
Há por esse país fora!

Amarantino.

Terrível epidemia!
As do Egipto sombrias são
Fazendo a comparação,
Muitos «Ecos de Cacia»...
Poda mestra carecia
Em menos de uma hora.
Mesmo até, e muito embora
Portugal pequeno ser,
Muito burro a escrever,
Há por esse país fora.

(Avelro).

O jornal traz dia a dia,
Noticias d'arrepisar,
Por certo vão desbancar,
Muitos «Ecos de Cacia».
Por causa d'esta mania,
Eu protesto sem demora,
Gonra a talos d'agora,
Que cometem estes mecos,
Pois Burros como os dos «Ecos»,
Há por esse país fora.

Rei Louro.

Fique séria, não se ria
E não julgue que é maldade
Por lhe dizer a verdade:
Muitos «Ecos de Cacia»
Se descobrem, dia a dia!
Cria bem, minha senhora;
«Maria», mais sabedora,
Com mais lata e piadinho
Não se pode encontrar, não
Há por esse país fora!

(Lisboa).

Dr. Casto.

Das cartas da minha tia
Pra um namóro despótico,
Fizeram modelo exótico
Muitos «Ecos de Cacia».
Pobre da tia Sofia!
O grande estilo em que implora
Ternura a tão vil caipora,
Alastrou, ganhou fanáticos,
E agora milhões... d'asnáticos
Há por esse país fora!

Tripeiro.

Dou asas à fantasia
Pra adivinhar, bem ou mal,
Se existem em Portugal
Muitos «Ecos de Cacia».
São mil! Mas a primazia
Nesse ar de puxar à nora
Sem cabresto e sem espora,
Pertence aqueles! Hosanna!
Que talentos duma cana
Há por esse país fora!

Zé da Sé.

Quem parte uma melancia,
Uma abo'bra ou um melão,
Tira de dentro um milhão,
Muitos «Ecos de Cacia»!
Muita pevide se cria
Nestes tempinhos d'agora!
Mas vai-se a tristeza embora
Com os trechos cacianos!
Quantos destes carcanos
Há por esse país fora?

Asinas.

Minha boa, ti'Maria,
Ao exprimir graça a ródos,
Vai mostrando nos leitores todos
Muitos «Ecos de Cacia»
Mas... Boa tia Maria
Não os censuras mais agora,
Que a Imprensa melhora
Com jornais desse teor.
A-pesar-de que, bem pior
Há por esse país fora.

Atonso «Relâmpago».

A nossa Rita Maria,
A quem não canso d'amar,
Dá-nos pra desopilar,
Muitos «Ecos de Cacia»...
Que nos trazem alegria,
Que faz rir a toda a hora.
Mas... raciocino eu agora...
Isto é um reino de falhados
Muitos milhões de tarados
Há por esse país fora.

(Gaia).

Rei dos Nabos.

Por ser grande o número de
glosas, veja-se a continuação na
pág. 14.

INTERESSES ACADEMICOS

Verdadeiramente, os mais caros interesses dos estudantes resumem-se na cabulice.

No entanto, é preciso trabalhar em prol da classe e fazer valer alguns dos seus mais legítimos direitos.

Urge, por exemplo, acabar de vez com as notas inferiores a 10 valores.

Se tudo foi actualizado, não se percebe que o zero de outrora não valha hoje pelo menos 10.

Já não exigimos que se aplique o coeficiente 20...

Os 10, como base, e até ver...

Pensem nisto os pedagogistas e legisladores.



LIÇÕES DE ZOOLOGIA

Pelo Prof. ZOOPIROTÉCNICO

II

A Sardinha

(*Latis conserva*)

Lyneu

A bem dizer, a sardinha, na classificação de Lyneu, *latis conserva*, — como Jesus Cristo, Luís de Camões, Júlio Verne, etc., nunca existiu.

Trata-se de um diminutivo de *sarda* (sarda, sardonis, sardão, Sardanapalo, no latim primitivo).

A sarda, (*trombilis sardonis*) não é própria do mar, como julgam alguns nossos colegas, tão incultos como os baldios do Alentejo.

Como o nome indica — *trombilis sardonis* — nasce nas trombas de certos parceiros ruivos. A origem, ainda que remota, deve ter sido esta:

Quando foi da degolação dos inocentes havia muitas crianças com o *trombilis sardonis*.

Para não morrerem degoladas, muitas delas tomaram uma resolução absolutamente hidráulica: atirar-se ao mar.

Com a acção do iodo, as criancinhas, farrissimas diodar, largaram as sardas tódas, as quais diminuindo, diminuindo, diminuindo, se converteram em sardinhas.

Um jurisperito norte-americano, sabendo que as sardinhas vinham das latas das crianças, inventou a *sardinha de latas*, o que obrigou o incipiente e sagacíssimo Lyneu a classificá-las de — *latis conserva*.

Servem para comer de caldeirada, fritas, cozidas e assadas na brasa.

As sardinhas assadas na brasa foram inventadas por certos políticos.

De aí vem a expressão — *puxar a brasa da sua sardinha*.

ZooPIROTÉCNICO

Professor de Zoologia no Instituto de Socorros a Náufragos.

UMA CARTA

De um distinto professor da Universidade recebemos a seguinte carta.

«Sr. Redactor

Estando um pouco agoniado com as piadinhas chochas do «Académico» e não podendo lançar mais nada, porque parece mal, resolvi lançar mão da pena para lhe escrever estas regras mal notadas, contra tódas as regras.

Eu sei bem que essa piadinha do anúncio do cérebro se destina a menos presar a quantidade de oxigénio que existe na minha caixa craniana, mas, *ipso facto*, não obstantemente, resolvo não dar a sorte como qualquer cauteloso caipora.

Continuem que hadem ir longe.

A obra nefasta da corrupção académica que os senhores, galhofeiros absolutos e antimorais, enssetaram veremosa aí campeando infrene...

E' mais uma alvar machadada na disciplina escolar, mas vós todos pagareisias.»

Os nossos colaboradores

Teem vindo até nós já alguns académicos entregar-nos colaboração para esta página.

No próximo número daremos a estampa uma caricatura do Sr. Dr. Lopes Rodrigues em estilo minhoto, devida ao lápis de um jovem caricaturista.

Mais uma vez avisamos os Rafaéizes e Andrés Brunses da Briosia que temos esta página à disposição dos seus robustos talentos.

NOTÍCIAS DE SENSACÃO

Causou nos meios elegantes dos corredores da Universidade a maior sensação a notícia que demos em primeira mão do *Curso de Física Recreativa* do Professor A. Machado.

Consta que o ilustre cirurgião, sr. Dr. A. R. O. Z. O., prometeu também abrir um curso de cirurgia humorística intitulado P. A. D. N. I. P. N. e A. M. (Por alma dêste nosso irmão, Padre-Nosso e Avé Maria).

Foi convidado para fazer um curso de língua francesa na Universidade de Paris o sr. Professor Teixeira Bastos.

Sua Excelência respondeu ao director da Faculdade com o seguinte telegrama:

«Très obligé pour votre formidable faveur.»

Teixier Bastes.

A êste telegrama respondeu o director da Faculdade.

«Arretez monsieur, pas de bêtises.»

F...

COISAS PERDIDAS E ACHADAS

Perdeu uma boa ocasião de estar calado o nosso colega Pantaleão Rodrigues, que declarou perentoriamente na aula de anatomia que o fémur é o maior nervo do corpo humano.

Achou uma caveira de burro da primeira metade do século XIII o sr. Dr. Fernando Pires de Lima, que a apresentou ao erudito Professor Mendes Correia com estas palavras cheias do maior entusiasmo: *Veja Dr., a minha caveira!*...



Quem é?

Este então fêz capicua
Com o lindo nome que tem.
Principia por um O
E acaba num O também.

Pega num lápis... já está!...
E as vendas dum cidadão
Pranta-as êle fielmente
Num papel ou num cartão.

A Dona MARIA RITA
Tem por êle tal affecto,
Que lhe chama o seu filhinho,
O filhinho predilecto.

(Aveiro)

Zé MENES.

Decifrações do número anterior: *Quem é?*
— Dr. António Paúl; *Anexim* — «Devagar se vai
ao longe».

Matadores: Sepol, Monteiro I, Monteiro II,
Oinotna, Reirobi, João da Sé, Satiéri ed, Miffed,
Lizé, Zé Barão, Octávia Maria, Kika, Afonso
«Relampago», Rofeu, Venâncio Pereira da Praça.

LIVROS

“Senhora da Moda”

Amadeu Santos, poeta eternamente
joven, lira enternecedora de todos os
humildes, inspiração transparente e cris-
talina como a sua própria alma, vem
de nos ofertar o seu último livro,
Senhora da Moda.

E' uma coleção de poesias delicio-
sas que as mulheres portuguesas teem
obrigação de ler e decorar.

Uma quadra ao acaso:

Cortas as tranças agora?!
Que a graça não te abandone;
Mas vê se Nossa Senhora
Usou cabelo à *garçonne*.

A Amadeu Santos, a andorinha de
cabelos brancos, que a cidade vê esvoa-
çar pelas ruas, alegre, despreocupado e
irónico, atirando ao vento a sua capa
de estudante, — um grande abraço pelo
livro e pela dedicatória.

ADALBERTO SAMPAIO

+ ALÉM

E' aquele rapaz que anda pelo Pôrto com
um chapéu muito grande, e umas camisas sem
gravata que dão que pensar pelas suas cores
berrantes.

Pois este simpático mancebo, que é pintor nas
horas vagas, expõe no salão da *Rádio Pôrto*,
à Avenida dos Aliados, uma quantidade de obras
primas difíceis de perceber. Vão lá ver e dir-nos-ão
depois...



Uma conquista do Estanislau

Falava-se de conquistas. O Estanislau,
femeeiro incorrigível e insaciável, capaz
de conquistar a Flora da Cordoaria se
ela fôsse corista dalgum teatro, contou
também a sua façanha amorosa.

— Foi na época passada, — princi-
piou o D. Juan. Ela, a Consuelo, — que
fazia as damas centrais e laterais duma
companhia de estrêlas e papagaios com
ralos de papel, — vivia amancebada com
o Paivinha, um portento nos *pais nobres*,
que só deixou de desempenhar para se
dedicar aos *pais democráticos*, em home-
nagem à gloriosa República.

Era preciso desvia-la do trilho quási
conjugal. Para isso, um belo dia, empre-
guei todos os esforços de Lovelace, e,
munido com a alavanca do meu coração,
impelida pela fôrça duma nota de cem es-
cudos, consegui desviar a agulha. A Con-
suelo, em vez de seguir pela linha 6
(Monte dos Burgos — Paivinha) meteu
pela 9 (Areosa — Estanislau) e veio des-
carrilar nos meus braços sequiosos dum
bife mal passado.

*
* *

Que noite, meus amigos, que admi-
rável noite! Que deliciosa carne, avelu-
dada, tépida, numa temperatura adorável
para se lavarem os pés...

O corpo ardia em desejos e pelos
poros saíam labaredas de paixão insatis-
feita! Não era um corpo de mulher
— era um corpo de salvação pública!

Os seios túmidos, erectos, rijos e
provocadores, pareciam feitos com ovos
moles de Aveiro!

Quando acordei ainda não tinha
adormecido, tal foi a bravura, o entu-
siasmo, a vertigem daquela primeira noite
— uma noite de verdadeira *premiere*.

Assim passamos oito dias, sempre
com casas à cunha, a botar por fora,

até que apareceu na tabela ordem de
partida de tôda a Companhia para For-
nos de Algodres, onde ia inaugurar o
Teatro Incrível Algodroense de Talma.

*
* *

Partiu. Chorei lágrimas que pare-
ciam rebuçados de avenca. Foi atrás
dela todo o meu entusiasmo, tôda a
minha alegria, tôdas as minhas notas
de cem escudos!...

Passados seis meses, seis angustio-
sos meses, estava eu em Vizela — para
onde tinha ido a conselho do meu mé-
dico, — quando surgiu na minha frente
a Consuelo, a saborosa Consuelo, a
Consuelo da minha ardente paixão.

— Que faz por aqui meu amor?
Veio nalguma Companhia?

— Não, — respondeu ela com tre-
midinhos de laringe. Vim aqui para o
ver. Tenho andado à sua procura por
tôda a parte. Ai, não posso viver sem
o seu amor! E é por sua causa, por
causa dêste amor louco que vim para
aqui, para Vizela.

Eu, então, lembrando-me daquelas
deliciosas noites, das contas da farmácia
e dos conselhos do médico, exclamei
com sinceridade:

— *Arcades ambo*, minha Senhora.
Também é por sua causa, por causa
dêsse amor louco que eu me encontro
em Vizela há quinze dias!...

LEIDOAR.





(Continuado da página 11)

Disse a Rita aqui um dia:
Alá!... alá!... alá!... Ribas...
Para que em Gaia consigas...
Muitos «Ecos de Cacia».
Pra que o bom Gaieiro ria,
Com vontade a toda a hora;
E enquanto o mal não piora,
Diz o povo às gargalhadas:
Muitas graalhas Ingralhadas...
Há por esse pais fora!!!...

(Gaia).

Sacripanta.

Disse o namôro, — à Maria:
E's cruel, és muito má,
O que vale é que'inda há...
Muitos «Ecos de Cacia».
Se não fosse isso... outro dia,
Fugia-te, in-me embora!
Mas julgas que o faço agora?!...
Não, que eu sei que como és...
Muita bêsta aos pontapés,
Há por esse pais fora...

(Gaia).

D. Juan.

Mas que famosa iguaria
Para a nossa sobrepresa!
Venham matar a tristeza
Muitos «Ecos de Cacia»!
Adeus à neurastenia
Que tantos tristes devora!
Já sorris, ó nova Aurora,
Ideal do Tio das Taipas!
Mij Ecos que ao outro ennaipas
Há por esse pais fora!

Narigudo.

Arreliar-te eu não queria,
Maririta, boa amiga,
Nas permite que te diga:
Muitos «Ecos de Cacia»
Vendes tu em cada dia!...
Quem os encontrava outrora?!
Cada belisco é uma escora,
Um reclamo!... e uma mina!
...Quantos, a invejar-lhe a sina
Há por esse pais fora!...

Amaral.

No teu sapinho Maria
Gostaria de acertar
Lembrei-me de te mandar
Muitos «Ecos de Cacia».
Tu vais ver que primazia
Toma o Ribas desde agora!
Põe os ecos sem demora
Fechados no teu bau
Olha que muito Landru,
Há por esse pais fora.

Octávia Maria.

O bom humor, a alegria
Do nosso povo em geral,
E' de haver em Portugal
Muitos «Ecos de Cacia».
E', portanto, cobardia
Achincalhá-los agora,
Se inda houver alguém que chora,
Mandem-lhe «Ecos» e verão
Quanto alegre folião
Há por esse pais fora.

Ardotos.

Muita asneirinha existia
Já disso certo s'estava
Veio mais o que faltava:
Muitos «Ecos de Cacia»
D'asneirite se morria
Mas com os Ecos, agora
O bestunto inda piora,
Cacia! Eu não m'espanto,
Sem o i, é tudo quanto
Há por esse pais fora.

Horriavel.

Minha querida Maria,
MARIA RITA querida,
Desejo-te muita vida,
Muitos «Ecos de Cacia»
Para que a gente se ria,
Se rehole a toda a hora...
A minha sogra tã chora
Quando lê tais bocadinhos,
É só diz: — Muitos brutinhos
Há por esse pais fora.

João da Sé.

Teem aquela mania,
Dizem coisas esquesitas.
Pois na terra fazem fitas...
Muitos «Ecos de Cacia».
Tenho lá fora uma tia,
Que me disse já, outrora
Quem 'screve, não puxa nora.
Como pensais ó maraus!...
Ai... tantos bichos bisnaus
Há por esse pais fora.

(Pórt).

Horácio Ferreira.

Andam todos à portia
— Isto é de afligir —
A procurar impingir
Muitos «Ecos de Cacia»;
E esta grande mania,
Dia a dia, hora a hora
Vai marchando, pois agora
Como a vida vai tão cara,
E' certo que muito arara
Há por esse pais fora...

Não chores linda Maria,
Formosa MARIA RITA;
Pra continuares a fita
Muitos «Ecos de Cacia»
'Stão pra vir à luz do dia.
Não mandes o riso embora
Porque ouvi dizer agora
Que muitos ecos bacanos,
Muitos ecos cacianos,
Há por esse pais fora.

(Aveiro).

Minha querida Maria
Até que enfim te encontrei
Na viagem que andei
Muitos «Ecos de Cacia»
Mas que feliz eu seria
Mais do que era outrora
Eu vou-te contar agora
Certas peripécias da vida
Pois tanta mulher perdida
Há por esse pais fora.

Minha querida Maria
Aqui venho pra te ver
E também pra te trazer
Muitos «Ecos de Cacia»
Mostra-os à tua tia
E à tua prima Aurora
Antes de eu me ir embora
Com certeza elas dão urros
Vendo que cambada de burros
Há por esse pais fora.

Com muita diplomacia
Eu vi um burro a ler,
E outro a escrever
Muitos «Ecos de Cacia».
Estou a ver qualquer dia
Pelo que vejo agora;
Em que tudo se arvora
Em escritor, em letrado,
Muito burro em estrado,
Há por esse pais fora.

Se eu chegasse a ser um dia
Ministro da instrução
Acabavam na Nação
Muitos «Ecos de Cacia».
Estes jornais ninguém lia
Queimavam-se sem demora
Não era como agora,
Que ainda fazem discursos
Que grande cambada de urros
Há por esse pais fora.

Desde a Louzã à Curia,
E de Curia a Baltar,
Não é difícil achar:
Muitos «Ecos de Cacia».
Vê-se, assim, que a maioria
Dos literatos de agora,
Está pedindo sela e espora
Em vez de tanto jumento
Que, com mais entendimento,
Há por esse pais fora.

Junêta

Fundou-se uma Academia,
Para os lados de Estarreja,
Onde um doutor bucoreja,
Muitos «Ecos de Cacia».
Na asneira, o burro, porfia
Sem descansar uma hora.
Ao ver-se arreado à nora,
Vai chorar se ao director,
— Porque muito burro-doutor,
Há por esse pais fora.

(Gulpilhares).

Luigi Morelli.

Mote para o próximo número:

Se o nudismo pega em moda
Voltamos ao pai Adão.



“Homessa”?!...

... «Ela (a Mulher) só deve ter
filhos se quiser, quando e de quem quiser.»
(Da Conferência: — «A Mulher
na Civilização», de Jaime Brasil.)

Jaime Brasil: *Sentencie
em tudo que lhe aprouver,
que não lhe falta saber.*
— E de nada se arreije, —
mas não nisso, da Mulher
Só ter filhos se quiser!...

*Não me diz o que raio há-de,
então, um homem fazer
perante a cara metade?
Se por birra, ou má vontade,
fôr só quando ela quiser?...*

*Não nos meta em vir sarilhos...
e em casos de entontecer!
Hão-de então os nossos filhos
ter o pai que ela quiser?! ..
.....
Mais veret, — se não morrer!...*

João do MINHO.

Quadras doidas!...

*O' água que vais tão alto,
E de quem sou tão amigo;
Pra eu ficar descansado
Leva-me a sogra contigo!...*

*Um quarto de pão que seja
D'aquele que a gente come;
Chega pra um homem esticar
Como se fosse de fome.*

*Inda hão-de nascer os sábios
Que digam, sem mais esgares,
Que um beijo dado na tromba
Se sente nos calcanhares...*

*Aquela a quem dei a vida
A-pesar-de gaga e coxa;
Diz pra ai a tôda a gente
Que eu que fui um grande troixa...*

*A carta que me escreveste,
Amor ingrato e cruel;
Arrecadei-a, pra quando
Me fôr preciso papel...*

José ALVES.

PEÇAS E

de 1920



Segunda "Landrusada" ou uma volta pela Constituição

A cena representa um carro da linha 20. Este é sem traço por causa da língua do Landru. São quatro horas menos vinte e condutor e guarda-freio tinham tomado conta do carro à uma e meia da tarde. E' Domingo.

PERSONAGENS

Uma senhora
Um cavalheiro
Outra senhora
Outro cavalheiro
O condutor Landru
O guarda-freio 715
O electrico n.º 223
Os restantes passageiros

Subindo "31 de Janeiro"

LANDRU (*na plataforma*)— Ora bamos lá a isto, que estes papos-sêcos tem a mania de fugir pela plataforma da frente! (*Berrando para o guarda-freio*) O' 715. Bota-me o rabo do olho para êsses gajos!...

UM CAVALHEIRO— O sr. Condutor exagera...

LANDRU— Ai a minha bida! O que eu quero é p'ra cá o arame! (*A uma senhora*) A senhora p'ra onde bai?...

A SENHORA— Eu tenho anual.

LANDRU— Qu'a senhora tem já eu sabia. O que eu quero é bê-lo...

O MESMO CAVALHEIRO— O sr. Condutor está a praticar uma incorrecção...

LANDRU— Pois sim, rala-te. (*A' senhora*) Bamos lá a isso. O que é bom é p'ra se ber...

No Jardim de S. Lazaro

LANDRU— (*para o guarda-freio*)— O' 715. Pára lá isso, que um home não é de ferro. Eu vou ali à remise fazer uma expedição. (*Sai do carro e demora cerca de 10 minutos*).

OUTRO CAVALHEIRO (*dirigindo-se-lhe quando êle entra*)— Não há direito de fazer esperar a gente tanto tempo.

LANDRU (*tocando à campainha*)— Se calhar queria que eu fizesse na plataforma. Se bocê andasse aqui tôda a tarde à roda até ouraba... O que vejo é paleio...

OUTRA SENHORA (*erguendo-se*)— O sr. Condutor faz-me o favor manda-me parar aí no largo do Padrão?!...

LANDRU (*para o guarda-freio*)— Há-des parar aí arriba que esta senhora

quere ir pró Poço das Patas... (*O carro pára*).

A SENHORA (*saindo*)— Arre, que é bruto...

LANDRU— Se calhar sou, mas inda num dei por isso...

Subindo Duquesa de Bragança

LANDRU (*acordando um passageiro*)— Bocê num disse que queria sair na Rua dos Gatunos.

O PASSAGEIRO— Perdão. Onde eu quero sair é em Heróis de Chaves...

LANDRU— E' a mesma coisa... Então toca a andar que esta gente não pode perder tempo. Vão todos cansadinhos e mortinhos por chegar a casa...

Na Rua da Constituição

(*Em frente ao campo do Lima há uma enchente.*)

LANDRU— Ena pai! Parece que se soltou a cadeia! Se calhar bem todos de dar ponta-pés! (*Dá sinal para andar, mas dentro há alguém que dá sinal contrário*). Mau! Temos sacristão novo na igreja. (*Falando para dentro*) O' amigo: quem é que le paga para puxar pela corda. (*Aos da cochia*) Toca a chegar lá p'ra frente co'o carro é todo do Severiano. Ageitem-se lá como puderem que aí vai d'isto... (*Empurra*).

OUTRA SENHORA (*no meio do carro*)— O' sr. Condutor eu desejo sair na Rua da Rainha e não posso...

LANDRU— Mas não grite que não vale a pena! Isso com geitinho sempre lá há de chegar. Diga a êsses senhores que não a apertem tanto. Eu agora ando à çaça.

No fundo da Lapa

(*O carro pára e o guarda-freio dirige-se para a guarita da direita.*)

LANDRU— Agora foi êle. E' que esta coisa faz crescer água... na boca...

UM PASSAGEIRO (*que não tinha visto sair o guarda-freio*) Então, sr. Condutor: porque é que estamos parados?

LANDRU— Ele vê-se bem. E' porque não estamos a andar... O guarda-freio não tinha nenhum bôlso a geito, e os eléctricos ainda não veem armados de autoclismo...

(*Nesta altura vem, não se sabe donde, um valentíssimo murro que tem a desgraça de acertar em cheio nas ventas do Landru. Grande reboliço. O Guarda-freio sai da casota, de manípulo na mão, e a maior parte dos passageiros põem-se a cavar.*)

LANDRU (*depois da borrasca*)— Vamos lá ó 715. Isto não foi nada. A saca estava bem fechada. O que eu quero é p'ra cá o arame.

J. de A.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A deliciosa opereta Flor de Lys, pela companhia Armando de Vasconcelos.

Rivoli: Revista-fantasia em 3 actos, Revista do Coliseu.

Águia d'Ouro: O empolgante super-filme Congorila.

Olimpia: O grande sucesso de gargalhada Laurel-Hardy a Ferros.

Trindade: O filme-opereta Era uma vez uma valsa...

Batalha: Os grandes fono-filmes Um príncipe que nunca amou e Transatlântico.

GRANDE CONCURSO DE NOVEMBRO

a iniciar no próximo número

O Concurso da NOTA DO BANCO consiste nisto:

A MARIA RITA, no próximo Sábado, trará neste mesmo local uma gravura com as seguintes notas do Banco de Portugal estampadas:

Uma de 100 escudos

» » 50 »

Uma de 20 escudos

» » 10 »

Uma de 5 escudos

O que prefaz um total de cento-e-oitenta-e-cinco escudos pois a tanto montam os prémios semanais. A estas notas, que correspondem aquelas que temos, semanalmente, fechadas e lacradas em envelope apropriado, e expostas nas montras da Agência da Publicações à Praça da Liberdade, faltará o número da série respectiva. Todas elas, porém, terão um número composto de cinco algarismos que indicaremos. Resta ao concorrente, adivinhar a ordem em que esses algarismos estarão na nota respectiva fechada no envelope. Qualquer concorrente poderá enviar o seu palpite relativo a cada nota. Aquele que indicar a ordem exacta da numeração terá direito à nota ou notas em que acertar. Sendo mais do que um far-se-á o respectivo sorteio. A MARIA RITA tem disto: Sempre Novidades!!!

Facilimo — Engraçado — Produtivo

Vamos a isto, rapazes!

Distribuição dos prémios de 100\$00 escudos (2) referentes à terceira partida

(Continuado da 2.ª página)

Lucília F. Cerveira Costa	847 a 940	Manuel Bolinhas	4137 a 4230	N. Abrunhosa	7715 a 7810
Porfírio G. dos Santos	941 a 1034	J. Sequeira	4231 a 4324	Zé Tortinho	7811 a 7904
Alfredo C. de Vasconcelos	1035 a 1128	Carlos Alberto Costa	4325 a 4418	Silvino Ferreira	7905 a 7998
Elmano Simas	1129 a 1222	Martiniano Silva	4419 a 4512	5 Pulgas	7999 a 8092
Miquelina Videira	1223 a 1316	Rui Marques Teixeira	4513 a 4606	António Vicente da Rocha	8093 a 8186
Lucília Ribeiro	1318 a 1410	Luís Francisco	4607 a 4700	Augusto Cunha	8187 a 8280
Rosa Andrade	1411 a 1504	Herculano A. Mendes	4701 a 4794	Maria Raquel Milhano	8281 a 8374
Fernando Af. Rod. da Silva	1505 a 1598	Berta A. Ferreira	4775 a 4868	António Rodrigues da Graça	8375 a 8468
António Alvaro	1599 a 1692	Pimpão de Almeida Tamira	4889 a 4982	Armando Carvalho	8469 a 8562
Marcarei	1693 a 1786	Jerónimo C. Ribeiro	4983 a 5076	José Jacinto Carvalho	8563 a 8656
Maria C. Queiroz	1787 a 1880	Francisco Augusto Peres	5077 a 5170	José Teixeira de Carvalho	8657 a 8750
Chico António	1881 a 1974	José L. Pereira Leça I	5171 a 5264	José Nogueira	8751 a 8844
Abel Dantas	1975 a 2068	Alfredo Ferreira 3.º	5265 a 5358	José Duarte Madeira	8845 a 8938
Gregório Gregorides	2069 a 2162	João Lago	5359 a 5452	J. Gamalhães	8939 a 9032
Matos Além	2163 a 2256	Manuel Silva Guimarães	5453 a 5546	João Tino	9033 a 9126
Roldão Correia	2257 a 2350	J. Sequeira	5547 a 5640	Agripino Coelho	9127 a 9220
Rodrigo Alves Per.ª Júnior.	2351 a 2444	M. Morial	5641 a 5734	Mário P. Carvalho	9221 a 9314
Manuel Leite	2445 a 2538	Mentiroso	5735 a 5828	Paulo Masselo	9315 a 9408
Arlinda da Silva Leite	2539 a 2632	Alice G. das Neves	5829 a 5922	Joaquim Martins	9409 a 9502
Manuel Cerqueira	2633 a 2726	Laura R. Pimenta	5923 a 6016	Abílio F. de Mesquita	9503 a 9596
António Dias de Almeida	2727 a 2820	Alfredo Monteiro	6017 a 6210	António Borges Martins	9597 a 9690
Luís Oliveira Martins	2821 a 2914	Luís Moreira de Almeida, 2.º	6211 a 6304	Armando S. Carvalho	9691 a 9784
Mais que tudo	2915 a 3008	Manuel Pinheiro Torres	6305 a 6398	Manuel Monteiro	9785 a 9878
José Fonseca Gato	3009 a 3102	Hercules & C.ª	6399 a 6492	P. Mendes	9879 a 9972
Zé Grilo	3103 a 3196	Hercules	6493 a 6586	Maria Rita	9973 a 10000
Arlindo Araújo Regalo	3197 a 3290	Fé	6587 a 6680		
Maria Lucília	3291 a 3384	Zé Manel	6681 a 6774		
António Marques Nogueira	3385 a 3478	Lizé	6775 a 6868		
Chico Martins	3479 a 3572	Marta M. da Ponte	6869 a 6962		
Delfim Rodrigues	3573 a 3666	Já Cá Vou	6963 a 7056		
Cezar José Poça	3667 a 3760	Mel Rosado	7057 a 7150		
José R. Beleza	3761 a 3854	Serafim da Silva	7151 a 7244		
Américo Moreira Silva	3855 a 3948	Zeca Martelo	7245 a 7338		
Manuel José de Almeida	3949 a 4042	Maria da Boa Morte Gameiro	7339 a 7432		
António P. Souza Mendes	4043 a 4136	Frank Barrote	7433 a 7526		
		Maria Luiza Romariz	7527 a 7620		
		António Reis Silva	7621 a 7714		

E aqueles que corresponderem aos dois primeiros prémios da loteria de hoje (5) poderão vir levantar *cem escudos cada* na Segunda-feira à nossa administração.

N. B. — Dado o caso que os dois primeiros prémios da loteria calhem no mesmo núcleo, terá validade o número correspondente ao terceiro prémio.